

DESCOBRIR, CONHECER E DEBATER CABO VERDE: CABO-VERDIANIDADE E REPRESENTAÇÕES ESTÉTICO- IDEOGRÁFICAS NA NOVÍSSIMA LITERATURA CABO- VERDIANA

DECOUVREZ, RENCONTRER ET DISCUTER CAP VERT: CAP-VERDIANITE ET REPRESENTATIONS ESTHETIQUES- IDEOGRAFQUES DANS LA RECENTE PRODUCTION LITTERAIRE CAP-VERDIENNE

Maria de Fátima Fernandes*

Resumo

O tema “Cabo-verdianidade e representações estético-ideográficas na novíssima literatura cabo-verdiana” apresenta, sob a forma de questionamentos, o desafio de descobrir, conhecer e debater Cabo Verde, objetivando caracterizar a produção literária deste país africano de língua cabo-verdiana e de língua portuguesa. Serão partilhados alguns dos conflitos com que nos debatemos mentalmente para explicitar o nosso entendimento deste tema, e apresentadas algumas razões para a inoperância do conceito de cabo-verdianidade aplicada à produção literária contemporânea.

Palavras-chave: Cabo-verdianidade; literatura cabo-verdiana; contemporaneidade; representação estética; identidade.

“Descobrir, Conhecer e Debater Cabo Verde” proporciona um espaço de ampla dimensão relacional, científica e acadêmica por visar uma sistematização de conteúdos cuja orientação subjaz a um quadro teórico, concetual e metodológico atual e pertinente, mas ao mesmo tempo por nos desafiar a olhar Cabo Verde sob olhares diversos. Neste quadro, esta reflexão visa partilhar um espírito de confraternização acadêmica, num meio marcado por especialistas com olhares marcados por uma fundamentação teórica mais objetiva, como sejam sociólogos, historiadores, antropólogos, entre outros, onde se inclui a abordagem de cunho

* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: fernandes.fatima@usp.br

literário para reflectir sobre esse Cabo Verde tão pequeno, tão disperso, tão especial.

A proposta do tema “Cabo-verdianidade e representações estético-ideográficas na novíssima literatura cabo-verdiana”, coloca-nos perante questionamentos pertinentes e o desafio de propor descobrir, conhecer e debater Cabo Verde num tema que busca caracterizar a produção literária deste país africano de língua cabo-verdiana e de língua portuguesa.

Para início de apresentação, desejamos partilhar alguns dos conflitos com que nos debatemos mentalmente para explicitar o nosso entendimento deste tema, apresentar os objectivos que norteiam o presente exercício e os momentos em que o mesmo se desdobra.

Primeiro: Este tema apresenta-se-nos à primeira vista como controverso e até incongruente, por reunir duas premissas sobre as quais recai uma reflexão tão ampla e complexa, quanto inconsistente, provocante e estimuladora. Expliquemos a razão para o uso de tantos qualificadores: é que ele parece querer associar a Cabo-verdianidade às representações estético-ideográficas na novíssima literatura cabo-verdiana” num exercício de difícil conciliação, ainda na perspectiva em que nos posicionamos, por considerarmos inconciliável a operacionalidade do conceito de cabo-verdianidade nessas representações, melhor dizendo, se por um lado é possível chegar a algum consenso em torno da compreensão e explicitação do significado do conceito de cabo-verdianidade, sendo igualmente possível identificar um conjunto de elementos que orientam as representações estéticas e não tanto ideográficas na literatura cabo-verdiana contemporânea, difícil se nos afigura o conciliar das duas premissas, pela distância que as separa.

Segundo: Com a presente comunicação, nos propomos a atingir os seguintes objectivos:

- Desconstruir o conceito de cabo-verdianidade no seu percurso histórico-literário;
- Distinguir a definição da operacionalização do conceito de cabo-verdianidade do passado à atualidade;
- Equacionar a sua operacionalidade no contexto das representações estético- ideográficas da literatura cabo-verdiana contemporânea.

Assim, tanto o enquadramento quanto a fundamentação teórica poderão, no entendimento do tema em causa, justificar a seguinte questão:

Até que ponto as representações estético-ideográficas da novíssima literatura cabo-verdiana refletem ou são manifestações de, da ou de uma certa cabo-verdianidade?

O percurso histórico da Literatura Cabo-verdiana, mesmo estando por sistematizar e carecendo de algumas respostas a inquietações de fundo, do ponto de vista metodológico, há muito que tomou como consensual a definição do conceito de cabo-verdianidade. Sem ignorar as várias posições que o colocam como conceito abrangente e complexo, e nos vários domínios do saber, ele pode ser sistematizado como uma condensação da expressão da alma crioula e do todo cultural cabo-verdiano. É possível aceitar-se a “cabo-verdianidade” como uma disposição que afirma, preserva e promove a identidade cultural cabo-verdiana. Porém, o conceito suscita diversas reflexões, sendo que a complexidade que o envolve não reside tanto na sua definição mas na forma de o operacionalizar, o que levou a que tivesse ganho expressões diferentes consoante os interesses das gerações e classes que a vêm utilizando.

A literatura terá sido um dos grandes fatores matriciais da cabo-verdianidade, sendo mesmo possível identificar momentos literários de força para a caracterização da Literatura e da Cultura Cabo-verdianas, em que a partir do conceito de Identidade se formulou o de Cabo-verdianidade e este por sua vez participa na construção e reconstrução daquele. Desde as suas primeiras manifestações, a Literatura cabo-verdiana demarcou-se pela afirmação de uma consciência identitária que acabou por traduzir a consciência literária e legitimar a manifestação de um ser e sentir Cabo Verde pelos escritores cabo-verdianos, com direito ao *jus sanguinis* ou ao *jus solis*, necessários à identificação, por necessária distinção, de quem era ou podia ser considerado escritor cabo-verdiano.

O contexto da segunda metade do século XIX o justificava, já que os condicionamentos de ordem material e física, como a ausência de condições para a produção e publicação de ideias, não facilitava a representação estética no quadro do poder colonial estabelecido. Foi assim, que por falta de acesso à informação literária, o conceito de cabo-verdianidade ganhou destaque nas abordagens de Manuel Ferreira, na caracterização e defesa de uma pretensa originalidade da

expressão literária claridosa, já que como ele próprio o reconheceu, antes da claridade situávamo-nos numa dita “zona mal iluminada” (Ferreira, 1990).

Sem querer desvalorizar o importante legado deixado por este pesquisador, pensamos que começou nessa abordagem a primeira fragilidade de todo este complexo processo. Porque a partir daí, uma série de interpretações vincularam o significado e a operacionalização do conceito de cabo-verdianidade ao “finçar os pés na terra”, o lema com que se identificou, edificou e de certo modo se “fossilizou” a geração da Claridade, numa representação estética mais ideológica do que ideográfica, que conotava a produção literária ao enraizamento no espaço e no tempo de e com Cabo Verde. Tal representação e todo o uso dele feito a partir de então perigou e tremeu conseqüentemente a compreensão do percurso da Cabo-verdianidade quase até à atualidade. Essa visão de Manuel Ferreira, registada em obras como **A Aventura Crioula** e **O Discurso no percurso africano** e a grande parte dos estudos respeitantes à produção assinada pela geração Claridade, marcaram ideologicamente a produção crítica, no sentido de procurarem legitimar a afirmação identitária cabo-verdiana com evidente penalização, por exemplo, quer dos pré-claridosos quer da geração da Certeza.

Mais próximo da contemporaneidade, e em datas que antecederam a independência nacional, o conceito de Cabo-verdianidade ganha projeção de representação identitária, mas desta vez num espaço mais amplo, em que a afirmação da diferença deixa de ser vista e operada em relação ao colonizador para protagonizar um espaço e uma dinâmica mais amplos.

E assim o conceito pareceu “ganhar asas”, entrecruzar-se ao de Africanidade nos anos sessenta do século passado, numa espécie de esforço de retorno cultural à África. Efetivamente, e pensando não apenas no domínio literário, os contextos independentistas registam o grande peso da defesa dos valores culturais cabo-verdianos, numa atitude em que o conceito de Cabo-verdianidade se tornava operativo e justificado, procurando legitimidade para lutar contra uma imposta “portugalidade” que teimava em renegar as características próprias dos espaços que se afirmariam brevemente como nações autônomas. É nessa altura, que ao lado de cabo-verdianidade, se justificaram a “angolanidade” e a “moçambicanidade”, quase exatamente como um século antes se justificara legítima a defesa da “brasilidade”.

No entanto, se analisarmos com atenção os textos assinados como literários dessa época, diremos que, de representação estética, a produção do período de luta, entre 1963 e 1975, tem pouco e muito menos de cabo-verdianidade,

caracterizando-se pela versificação simples que ignora a estrutura do discurso poético, com um léxico limitado e limitador, e cuja mensagem estava mais virada para a denúncia e o sentido da revolta contra as injustiças e violação dos direitos universais, naturalmente contextualizados, do que propriamente para a defesa da cabo-verdianidade. Dessa época, um único autor parece destacar-se no desenho da representação estética. Trata-se de Kaoberdiano Dambará, cuja produção serviu de mote para a demarcação da contemporaneidade na literatura cabo-verdiana, juntamente com Timóteo Tio Tiofe – heterónimo de João Varela –, Corsino Fortes e poucos mais.

Finalmente, foi particularmente no contexto do pós-independência, que se começaram a evidenciar mudanças sobre as quais hoje ainda importa refletir para depois as sistematizar num quadro de fundamentação sustentada pela teoria e críticas literárias. Trata-se do momento que conseguiu, de certo modo, “livrar-se” desse fantasma operativo. Sobre o cruzamento entre Cabo-verdianidade e Africanidade, vejam-se as reflexões ainda de Manuel Ferreira, de Manuel Duarte, de Pires Laranjeira e outros, embora o discurso mais acutilante e várias vezes menos compreendido tenha sido o ensaio **Consciencialização na “Literatura Cabo-verdiana”** (1963), do então jovem Onésimo Silveira, dos poucos a analisar a desarmonia que marcava a pretensa afirmação da caboverdianidade, pois ao querer representar o homem cabo-verdiano a fincar os pés na sua terra, retratando os males por que passava, as produções do período claridoso aceitavam esse mal quer com relativo fatalismo ou resignação quer lutando entre o ter de ficar ou o partir para um dia voltar, num tormento absorvível apenas pela *morabeza*, não fosse esta um dos pilares da cabo-verdianidade, representando até então uma espécie de esponja ontológica, na expressão de Tio Tiofe.

Do ontem ao hoje, de Cabo Verde, registamos com particular interesse os estudos e as conclusões de autores como David Hopffer Almada (1992), que afirma:

Se é difícil determinar com precisão o que seja o carácter nacional de um povo, dadas as diversidades intra territoriais, a verdade, porém, é que algo consegue fazer com que pessoas de um mesmo país se sintam pertencer a um mesmo espaço. No caso cabo-verdiano, esse sentimento de unidade e de pertença é traduzido na ideia e no conceito de caboverdianidade. Ideia e conceito de difícil definição, mesmo que, para os cabo-verdianos, condensa a *morabeza*, o ser ilhéu, o ser crioulo, o ter uma identidade própria capaz de os diferenciar de tudo e de todos (ALMADA, 1992, p. 67).

Para Manuel Veiga (1997), prestigiado linguista e ensaísta cabo-verdiano, trata-se de

uma ideia, de um conceito, em que o definido dificilmente pode caber na definição (...) cremos ser pertinente essa visão da «cabo-verdianidade». Pertinente porque ela encerra o ser e o estar do nosso povo, mas também o seu devir (VEIGA, 1997, p. 43).

José Luís Hopffer Almada (1997), por sua vez, refere que “as populações cabo-verdianas caracterizam-se, no plano cultural, pela comunhão dos mesmos valores, os quais se sedimentam uma idêntica idiosincrasia e um comum lastro cultural, aos quais se convencionou denominar de cabo-verdianidade” (ALMADA, 1997, p. 28).

De igual modo, não hesitamos em reconhecer na língua cabo-verdiana a expressão mais visível da cabo-verdianidade, representada em todos os domínios da cultura material e espiritual do povo, prolongando a representatividade do contexto falado e vivenciado por todos os cabo-verdianos. A presença da língua cabo-verdiana nas produções literárias constitui uma das afirmativas mudanças, colocando-se no horizonte das expectativas de destinatários mais exigentes e diversificados ao mesmo tempo que revela as potencialidades da língua na criação e recriação literária, para além da arte combinatória da escrita com outras formas de representação, como sejam a pintura e a música, por exemplo pela incidência fonética, morfológica e sintáctica no cruzamento com a língua portuguesa.

Nos percursos da Cabo-verdianidade, o reconhecimento de que os cabo-verdianos são portadores de uma identidade cultural comum, nacional na sua essência, e homogénea nos seus traços essenciais, foi exemplarmente testemunhado pelo modo de sentir Cabo Verde que a revista *Clareza* protagonizou, pela revelação da natureza da sua própria consciência, compondo através dos seus modernistas o “ethos” em respeito pelos principais afluentes que alicerçam a cabo-verdianidade.

Todavia, no período pós-claridoso, a vontade de edificar um novo sistema de valores, no interior de uma ordem igualmente nova, processou-se num horizonte muito mais alargado da intelectualidade que terá levado à interpretação de um distanciamento da realidade, uma espécie de centramento estético, poético e ético, manifestado em conteúdos incutidores de uma atividade fundadora sistemática que se foi afastando da prática de um discurso da agressividade, identificado como

literatura de combate, de que nomes como Amílcar Cabral junto com o do angolano Agostinho Neto, Ovídio Martins e Aguinaldo Fonseca são tênues exemplos.

É nesse exercer que emerge um novo discurso, uma produção de tom inovador, que nada tem a ver com os problemas específicos de Cabo Verde, o da agressão do “dizer através de um léxico audacioso, a tal agressividade verbalizada com as experiências de “virilidade épica” de Ovídio Martins, de “virilidade erótica” de Osvaldo Osório, da ruptura discursiva de Corsino Fortes e a estética do imaginário surrealista de Arménio Vieira e da osmose cosmopolita a de João Vário apenas para exemplificar as grandes linhas identificadas pelo especialista Alberto Carvalho. “Voz di povo”, “Raízes” e “Ponto & Vírgula” constituíram espaços privilegiados de publicação, numa altura em que publicar era preciso, inovar era imperioso, educar uma geração de resistência era um desafio.

Certamente, alguns críticos poderão pôr em causa a dimensão deste longo registo dos usos e contextos da cabo-verdianidade ontem antes de o pensarmos no hoje e amanhã. Queremos justamente evidenciar o peso que o conceito teve em todo o processo de afirmação identitária cabo-verdiana, e que a tornou num caso particular, isto é a cabo-verdianidade como a raiz mais funda de uma forma de identificação do cabo-verdiano com o Mundo. Fizemo-lo igualmente para agora perguntarmos: E no grupo das LALP(Literaturas Africanas de Língua Portuguesa), na cabo-verdiana em particular, que lugar ocupa a cabo-verdianidade na representação estético-ideográfica contemporânea?

À semelhança da literatura angolana, por exemplo, a colocação do problema e a(s) representação(ões) da cabo-verdianidade associa-se estritamente à gênese do nacionalismo. Nos textos literários do pré-independência pressente-se desde o século XIX a fecundação e o parto doloroso da ideia de nação. Tendo o texto apegado ao contexto, com destaque para a missão social e política do escritor, a Literatura afirma-se como expressão e manifestação de resistência: expressões como “fincar os pés nas terra”/“tínhamos de intervir” mostram que a sua operacionalização tenha sido justa e adequada a um contexto em que havia necessidade de se afirmar relativamente ao outro.

Romances como o **Hora di bai**, típica síntese cabo-verdiana, mostra-nos como

A história “objetiva” - a seca de 1943 -, modelo do discurso de Manuel Ferreira, busca através de uma significação imediata – descritiva, parcial -, significação mais profunda. E assim a intenção ficcional ultrapassa a observação real, levando o leitor a ingressar, imperceptivelmente, num

mundo de ilusão, onde o espaço acaba por constituir-se de uma interrogação à vida em Cabo Verde, dentro do dilema partir/ficar aparentemente sem solução. Tal significado-lastro será ponto de partida para a geração de novos significados (CARVALHO, 1987).

Outra inquietação nos é colocada: A Cabo-verdianidade: será paradigma das representações estético-ideográficas da literatura cabo-verdiana ou será antes uma estratégia discursiva utilizada nos amplos contextos para “convencer” os cabo-verdianos a defenderem-se como tal ou em última instância, para compreender Cabo Verde?

Consideramos que a Literatura cabo-verdiana contemporânea evidencia uma dinâmica própria, marcando rumos e percursos identitários de uma cabo-verdianidade “desassumida”, já que os diferentes ângulos de projecção – tais situações de representação estética - permitem a identificação de linhas de orientação que vão desde a inquirição sobre o perfil da identidade pátria, à reformulação de perspectivas coletivizantes para interpretações individuais, universalizantes mais interrogativas do que afirmativas. Estas linhas foram traçadas numa leitura atenta feita por aquele que consideramos o autor mais completo e complexo da representação histórica, estética e ideográfica contemporânea e sobre o qual se edificam algumas das representações ideográficas da novíssima literatura cabo-verdiana.

Falamos por exemplo de João Varela, na sua expressão individual, ou multifacetada nos heterônimos com quem partilhou a angústia de ser um escritor incompreendido, precisamente por se colocar à margem da tão defendida cabo-verdianidade e para quem em entrevista dada a Michel Laban, citamos:

Em verdade, semelhantemente ao que se passa noutros países..., após interpretações limitadas a dados geopolíticos restritos, circunstanciais ou locais, a poesia cabo-verdiana começa actualmente a pensar o homem do arquipélago no seio da cadeia de peripécias ontológicas, que fazem o homem universal pelas suas pulsões gerais que não pela veracidade transitória, imposta pelas conjunturas, mesmo inóspitas e falazmente definidoras de individualidade ou identidade. (LABAN, 1992)

Neste período, referindo-se ao final da década de 70, não se tratava já de poetas de Cabo Verde que escreviam poesia, tratava-se de autores que preferiam a essência à identidade aparente – telúrica ou nacional, tema dos períodos precedentes.¹ Hoje, à dinâmica da atual produção literária cabo-verdiana

¹ Cf *Reflexões sobre os últimos 50 anos da poesia cabo-verdiana*

transportam-nos ao mesmo tempo, porém em orientações individuais, Danny Spínola, Germano Almeida, Osvaldo Osório, Filinto Elísio, José Luís Tavares, Vera Duarte, Dina Salústio, Fátima Bettencourt, que atualmente podem se apresentar como paradigmas de uma construção literária, em que a obra tem de ser capaz de despertar em qualquer indivíduo dotado de sensibilidade estética o sentido da qualidade estética da mesma, servindo-se da componente Cultura (cultura histórica, cultura literária), podendo-se relativizar o estético e o não estético, mas certamente assumindo a obra pela obra, como se orientam atualmente os estudos culturais.

Os olhares que a literatura africana de língua portuguesa nos revelam nos dias de hoje relevam de categorias estéticas que fogem a uma reconstituição histórica dos contextos que formataram as recentes produções e que ditaram uma viragem nas buscas de novas orientações estéticas. Por um lado, há o desenvolver de um exercício do pensar renovado em cada texto, por outro a construção de novos códigos literários a partir de significados que exigem do leitor uma maior abertura de espaços, códigos e pensamentos. Seria pertinente, ajustado e desafiante este convite para debater e conhecer o Cabo Verde de hoje.

Ao encarar um novo universo literário, feito de perspectivas de análise que se interpelam, explorando infinitas possibilidades cognitivas, com formas de exploração poético-linguística, sem se pretender absoluto nem conciliador, falar-se-á de uma estética de encenação de acontecimentos e personagens históricas, numa história da multiplicidade, ao mesmo tempo que de numa ausência da totalidade estruturante porque a lógica dessa totalidade não parte das origens, não se conforma com as grandes distâncias temporais, pelo contrário, vai-se fundando no retrato do local, na exploração do sentido do corpo, na transformação da história pelo encontro com uma simbólica das alegorias de que escolhemos como exemplo Filinto Elísio e José Luís Tavares, dois percursos poéticos a merecer uma leitura crítica na atualidade. Como sinónimo da proliferação, da multiplicidade, eles revelam na temática, no tratamento da língua, na exploração dos diferentes espaços poéticos a possibilidade de um diálogo entre as culturas que as suas experiências literárias traduzem, com consequências ao nível da conceção de um discurso subjetivista, de pendor filosófico, a exigir uma predisposição diferente do leitor para o texto.

Assim, em tentativa de conclusão, porque temos a plena consciência do muito que há a continuar a dizer, mas sobretudo a estudar, a refletir e a debater sobre a

problemática, diremos que as representações estético-ideográficas da novíssima Literatura cabo-verdiana traduzem-se mais, do ponto de vista da análise estética, pela afirmação dos estratos morfológico e ontológico, em que as diversas manifestações não se aproximam obrigatoriamente entre si, do que propriamente por uma afirmação da cabo-verdianidade, que se afigura hoje redundante e impertinente porque o escritor e a escrita são na essência e no percurso essa cabo-verdianidade, o conceito tornou-se inoperante e inoperativo.

Chamando a atenção para a responsabilidade que nós, os críticos, acadêmicos, docentes ou pesquisadores, sociólogos, políticos e outros “fazedores” de idéias, temos na construção de pensamentos e representações desta geração, filha de resistentes, e, dizíamos, numa perspectiva teórica, há que reconhecer as várias tentativas de afirmação identitária que consubstanciam a cabo-verdianidade, mas há igualmente que distinguir a dupla significação desta atitude. Parafraseando Alberto Carvalho há um sentido afirmativo assumido pelo ensaísta e crítico e o sentido de negativo revelador de poetas sensíveis, que sabem, como todos os (bons) poetas, que a boa literatura não se faz só com boas ideias. E que a consciência do escritor é, antes de mais, consciência poética feita de ingredientes literários, estéticos, éticos, sociológicos etc., transcendendo largamente os estreitos limites em que se costuma movimentar a consciência ideológica e a representação ideográfica.

Queremos com tudo isso afirmar que, hoje, não é possível analisar em detalhe por exemplo o papel do feminino e as dimensões da textualidade nas obras de Dina Salústio e Fátima Bettencourt, que se desdobram numa arte de escrita que conjuga diferentes vozes, sem o estudo das relações de género, a procura do sabor oral no texto de Germano Almeida sem o recurso teórico memorialista, definir a escrita sincrética que apresenta o fluxo interior da consciência das personagens num encadeamento sequencial de imagens sobrepostas e obsessivas aparentemente incoerentes e dissonantes, de personagens errantes que desde o **Eleito do sol** ao recente **No inferno** de Arménio Vieira, se perseguem e são perseguidas. Que teremos de analisar atentamente outras que encontram-se em paisagens e espaços simbólicos, expressam medos, obsessões, traumas, frustrações ou anseios, possuem identidades estilhaçadas, inventam outras identidades, guiam-se por mapas imprecisos como em **Avatares das Ilhas**, de Danny Spínola, num desejo de ultrapassar fronteiras geográficas ou existenciais, fadadas ao fracasso e à inoperância de uma cabo-verdianidade perdida ou nunca encontrada, a não ser no

resguardado espaço do sonho. Fuga, alienação ou plenitude de realização, não importa, a ideografia que se lhe impuser, os textos conduzem ao fundo do avesso da alma humana.

Na literatura cabo-verdiana há toda uma base teórica e um processo crítico por organizar, obedecendo a uma abordagem metodológica coerente e impessoal, a qual permitirá encarar com clareza a trajetória e os percursos da sua identidade literária e eliminar falsos paternalismos que colocam o cabo-verdiano na trajetória de uma divisão eterna. O atual contexto sócio-histórico e cultural, e o acadêmico, em particular, deverá poder começar por desenhar o caminho crítico e teórico do pós-colonialismo, porque a própria adequação das teorias pós-coloniais, a começar por exemplo pelo conceito de lusofonia, não está devidamente contextualizada e concetualizada, deverá poder abordar os conceitos na sua relevância, no contexto do processo crítico das formulações pós-coloniais, tratando a oralidade e genologia enquanto ciência dos géneros literários, a convergência da tradição oral com a literatura, o poder das palavras e do ritmo, como essência do tradicional e do moderno.

Fica então lançado o desafio.

Resumée

Le thème “Cap-verdianité et représentations esthétiques-ideográfiques dans la recente production littéraire cap-verdienne”, présente, sous la forme de questionnements, le défi de découvrir, connaître et débattre le Cap Vert, avec l’objectif de caractériser la production littéraire de ce pays africain de langue cap-verdienne et de langue portugaise. On partagera quelques conflits qui nous inquiètent mentalement pour expliciter notre perspective sur ce thème, en présentant quelques raisons qui expliquent l’inopérance du concept de **cap-verdianité** appliqué à la production littéraire contemporaine.

Mots-clef: Cap-verdianité; littérature cap-verdienne; contemporanéité; représentation esthétique; identité.

Referências

AGUIAR e SILVA, *Teoria e Metodologia Literárias*, Lx, Universidade Aberta, 2001.

ALMADA, David Hopffer. **Caboverdianidade e Tropicalismo**. Recife: Editora Massungana, 1992, p. 67.

ALMADA José Luís Hopffer. **Homogeneidade e Heterogeneidade Caboverdianas**. Fragmentos – Revista de Letras, Artes e Cultura. nº 11/15. Praia: 1997, p. 28.

ALMADA, J. Luís Hopffer (Coord). **O ano mágico de 2006** – Olhares retrospectivos sobre a história e a cultura caboverdianas. Praia: IBNL, 2008.

AA. VV. **Claridade**. Revista de Artes e Letras. Lisboa: Editor ALAC, 1986.

CARVALHO, Alberto. **Actas do Colóquio sobre as Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Paris: FGGulbenkian, 1987.

FERREIRA, Manuel. **Aventura Crioula**. Lisboa: Ed. Plátano, 1990.

FERREIRA, Manuel. **O Discurso no percurso africano**. Lisboa: Ed. Plátano, 1990.

FERREIRA, Manuel. **No Reino de Caliban I**. Lisboa: Ed. Plátano, 1990.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: Literatura em chão de Cultura**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2008.

- LABAN, Michel. **Cabo Verde. Encontro com Escritores** (2 volumes). Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. 1992.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: U.Aberta, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. **Ensaio Afro-literários**. Luanda:Ed. Embondeiro. 2002.
- LARANJEIRA, Pires. **De Letra em Riste**. Porto: Ed.Afrontamento, 1992.
- MARIANO, Gabriel. **Cultura Caboverdeana (Ensaio)**. Lisboa: Ed. Vega, Col. "Palavra Africana", 1991.
- REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura**. Coimbra: Almedina, 1995.
- SEMEDO, M. Brito. **A Construção da Identidade Nacional...** Praia: IBNL, 2006.
- SILVA, Filinto Correia (Coord.). **Cabo Verde – 30 anos de Cultura**. Praia: IBNL, 2005.
- TRIGO, Salvato, "Formação e Desenvolvimento das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa". In: **Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de LP**. Lisboa, 1987.
- VEIGA, Manuel. **Cabo Verde: Insularidade e Literatura**. Paris: Harmatan, 1997.
- VEIGA, Manuel. **Caboverdianidade versus Alteridade**. In: Fragmentos – Revista de Letras, Artes e Cultura. nº 11/15, Nov.1997, p.43.